

Comunicação pública de risco e desinformação: análise do poder local nas inundações de 2024 no Rio Grande do Sul¹

Janis Linda Loureiro Moraes²

Julia Machado Biasibetti³

Luana Chinazzo⁴

Rafaela Redin Rubert⁵

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Resumo

Os estudos de comunicação de risco precisam avançar na tarefa de compreender a recepção dos alertas pelas comunidades em contexto de vulnerabilidade. Soma-se a esse desafio o impacto da desinformação na percepção do risco. O presente artigo apresenta um estudo exploratório que articula os campos da comunicação pública e desinformação. A pesquisa parte da análise empírica de uma postagem de alerta publicada pela Prefeitura de Canoas durante as inundações de 2024 no Rio Grande do Sul, e de comentários recebidos na publicação. Como resultado, evidencia a necessidade de informações claras e localizadas e de uma comunicação pública, a partir de estratégias dialógicas e relacionais, que atue como instrumento de prevenção e mobilização coletiva.

Palavra-chave: comunicação pública; comunicação de risco; percepção do risco; desinformação.

Introdução

Com mais de 2 milhões de pessoas afetadas, as inundações de 2024 no Rio Grande do Sul configuraram-se como o maior desastre natural da história do estado⁶. Em situações extremas como essa, a Política Nacional de Proteção e Defesa Civil define como competência dos municípios, em articulação com a União e os Estados, a responsabilidade de produzir e

¹ Trabalho apresentado no GP Relações Públicas e Comunicação Organizacional, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do PPGCOM/PUCRS, ingresso em 2024/1. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica - PROEX da CAPES. E-mail: janis.m@edu.pucrs.br.

³ Doutoranda e mestre em Comunicação do PPGCOM/PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. E-mail: j.biasibetti@edu.pucrs.br

⁴ Pesquisadora de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. E-mail: luachinazzo@gmail.com.

⁵ Mestranda em Comunicação Social do PPGCOM/PUCRS. Integrante do Grupo de pesquisa CNPq Cuidar_Com. Pesquisadora no Projeto de Extensão: Comunicação de risco em comunidades vulneráveis. Bolsista do Programa de Excelência Acadêmica - PROEX da CAPES. E-mail: rafaela.rubert@edu.pucrs.br.

⁶ AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/estudo-aponta-que-enchentes-de-2024-foram-maior-desastre-natural-da-historia-do-rs-e-sugere-caminhos-para-futuro-com-eventos-extremos-mais-frequentes#:~:text=Analisando%20as%20enchentes%20hist%C3%B3ricas%20de,territorial%20jamais%20observadas%20no%20Brasil>. Acesso em 18 jun. 2025.

divulgar alertas antecipados sobre a possibilidade de ocorrência de desastres (BRASIL, 2012). Por isso, no decorrer do evento, foram emitidos alertas com o objetivo de orientar a população.

Diante da intensificação dos eventos associados às mudanças climáticas, este trabalho propõe uma reflexão sobre o papel da comunicação de risco na esfera pública contemporânea, marcada pela centralidade das mídias digitais (Habermas, 2023) e pela desordem informacional (Wardle; Derakhshan, 2017). Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2016) de um vídeo publicado no perfil oficial da Prefeitura de Canoas no Instagram — município com o maior número de pessoas afetadas na região Metropolitana de Porto Alegre (Possanti *et al.*, 2024). A análise foi orientada por uma reflexão teórica baseada nos aportes sobre comunicação pública, comunicação de risco, desinformação e visibilidade política no ambiente midiático digital. O objetivo foi investigar os processos de comunicação institucional e de atores políticos na gestão de desastres, considerando o contexto de visibilidade ampliada proporcionado pelas mídias sociais (Thompson, 2008), e os comentários recebidos na publicação, a fim de observar a incidência da desinformação na recepção das mensagens pela população.

Comunicação pública em tempos de crise: visibilidade, desinformação e risco

A comunicação é compreendida, neste estudo, como um processo que apoia a construção de sentido entre sujeitos com lógicas e interesses distintos e que demanda o diálogo como metodologia (Oliveira, 2020). Na medida em que “as democracias exigem que governos e instituições de Estado publicizem suas ações” (Weber; Locatelli, 2022, p. 144), a comunicação pública “é uma estratégia ou ação comunicativa que acontece quando o olhar é direcionado ao interesse público, a partir da responsabilidade que o agente tem (ou assume) de reconhecer e atender o direito dos cidadãos à informação [...]” (Koçouski, 2013, p.54). Assim, a comunicação torna-se “um fator crucial nas situações de risco, em especial nas catástrofes, pelos organismos que lidam mais de perto com esse tipo de situações” (Serra, 2006, p. 3). Diante de um cenário de incertezas (Beck, 2018), portanto, a essência da comunicação consiste em explicar os riscos às comunidades vulneráveis e tentar compreender as suas preocupações (Coombs, 2022), em uma dinâmica que exige confiança, clareza e tempo ágil de resposta.

O fortalecimento das plataformas de redes sociais como espaço privilegiado de interação entre agentes públicos e cidadãos têm tensionado os modos tradicionais de comunicação institucional. No atual contexto de desconfiança dos cidadãos com a política (Bauman e Bordoni, 2016), as mídias digitais ampliam a exposição dos gestores públicos, que, ao mesmo tempo, são beneficiados pela divulgação das suas atividades e se tornam alvo de uma vigilância

constante e potencializada (Thompson, 2008). O caráter negativo da “desmediatização generalizada” (Han, 2018) que surge nesses espaços onde todos podem produzir e compartilhar informação, pressiona a sociedade e a classe política a uma presença constante, muitas vezes sem planejamento, reflexão ou tempo de maturação das pautas colocadas em debate.

Em meio à multiplicidade de vozes e à velocidade da circulação de informações, a comunicação pública enfrenta um desafio adicional: a desordem informacional. Wardle e Derakhshan (2017) classificam o fenômeno em três categorias: *misinformation* (informação falsa compartilhada sem intenção de enganar), *disinformation* (conteúdo falso ou manipulado com objetivo deliberado de enganar) e *malinformation* (informações verdadeiras utilizadas fora de contexto para causar dano). Esses tipos de conteúdo comprometem a integridade da comunicação, pois alimentam a desconfiança em relação às orientações institucionais, dificultando a mobilização coletiva em situações de risco.

As duas primeiras categorias são os focos principais quando se analisa a circulação de conteúdos falsos, sobretudo em momentos de crise, correspondendo ao que o senso comum costuma denominar *fake news*. A distinção entre elas está na intencionalidade, tanto na criação do conteúdo quanto em seu compartilhamento (Wardle e Derakhshan, 2017). Diante da dificuldade de se inferir a intencionalidade (Guess e Lyons, 2020), em que tentativas organizadas de disseminar conteúdos falsos podem ser caracterizadas como desinformação, optamos por utilizar esse termo de forma abrangente, incluindo todos os conteúdos desinformativos compartilhados com ou sem a intenção de causar dano.

Conforme Mary Douglas (1966), o risco é uma construção social e a sua percepção é influenciada por fatores sociais e culturais. Nessa abordagem, em que pessoas estão mais vulneráveis à desinformação durante os desastres (Klinga e Lundgren, 2024), diferentes grupos tendem a ter opiniões diferentes sobre os riscos (Douglas e Wildavsky, 2012) e estabelecem polarizações em torno dos que acreditam e os que negam a iminência dos desastres, e ainda os que relativizam e promovem ações gradativas, mas insuficientes, nesse enfrentamento. Boholm e Corvellec (2011) avançam nessa proposição com a teoria relacional do risco, estruturada a partir de três elementos: objeto de risco, objeto em situação de risco, e relação de risco, sendo essa relação uma construção social estabelecida pelo observador.

Já na abordagem reflexiva, a sociedade de risco e em metamorfose (Beck, 1986; 2018) é marcada por riscos cosmopolizados que revelam as fragilidades das estruturas sociais contemporâneas, proporcionando um sentimento de desconfiança generalizado. Nesse cenário, a desinformação atua como vetor adicional de incerteza, dificultando a construção de consensos

sobre o enfrentamento de crises e acentuando os desafios comunicacionais na gestão de desastres. Somados, os riscos que despertam a percepção sobre a metamorfose social, colocam em evidência os desafios da vida, das relações humanas e da partilha de um futuro incerto.

“Não há necessidade de evacuação”: análise da comunicação e sua recepção

A compreensão do processo de comunicação fundamentou-se na análise de conteúdo (Bardin, 2016) de um vídeo publicado no dia 2 de maio de 2024, no perfil do Instagram da Prefeitura de Canoas, no Rio Grande do Sul⁷. No vídeo, o então prefeito, Jairo Jorge, discorre por 4’40” sobre o volume recorde de chuvas registrado no período e as ações das equipes municipais para a proteção da cidade. Na primeira etapa da análise, realizamos a leitura flutuante dos conteúdos publicados pela prefeitura e escolhemos o vídeo que compõe nosso *corpus* porque se trata da última gravação do prefeito antes do primeiro extravasamento do dique que represa o rio Gravataí em Canoas, o que exigiu a evacuação dos moradores do bairro Mato Grande. Além disso, em seu pronunciamento, Jorge aborda o tema da desinformação, deixando claro se tratar de uma preocupação para a gestão municipal. Consideramos para a análise, assim como Quinteros (2023), que a comunicação do risco na gestão dos desastres se estabelece na fase pré-crise para cumprir com os objetivos de preparação e prevenção.

Compreendendo a fase de exploração do material, orientada por nossas hipóteses e referencial teórico, foram criadas cinco categorias que permitem verificar elementos relevantes da comunicação de risco e desinformação, sendo elas: 1) *Normativa*; 2) *Informativa*; 3) *Explicativa*; 4) *Preventiva*; e 5) *Desinformativa*. A Normativa abrange o aspecto da legislação que atribui ao município informar, monitorar, fiscalizar e promover a evacuação de áreas de risco. Na Informativa, estão os aspectos da informação, tais como cotas e previsão de níveis do rio de fonte geocientífica. Na categoria Explicativa, busca-se observar o empenho em explicar os riscos e impactos possíveis à população vulnerável. A Preventiva busca o esforço dialógico para orientar e sensibilizar o comportamento preventivo. Na categoria Desinformativa, são analisados possíveis aspectos que comprometem a integridade da informação.

Dada a inundação de Canoas na madrugada do dia 3 de maio de 2024⁸, ou seja, no dia seguinte à publicação, ao revisitarmos o objeto considerando a categorização elaborada, é

⁷ PREFEITURA DE CANOAS. [Sem título]. Instagram, [vídeo], 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6e5suWrbI9/?igsh=bmhtajNhcjhjaXVt>. Acesso em: 18 jun. 2025.

⁸ AGORA RS. Vazamento em dique causa inundação em bairro de Canoas. Disponível em: <https://agorars.com/agora-no-tempo/vazamento-em-dique-causa-inundacao-em-bairro-de-canoas/>. Acesso em 06 set. 2024.

possível observar brechas no cumprimento das categorias. Os trechos que evidenciam os achados da análise foram sistematizados no quadro a seguir (Quadro 1):

Quadro 1 - Análise de conteúdo sobre a fala do prefeito de Canoas/RS em vídeo publicado no Instagram da Prefeitura

Categoria	Unidades de registro	Evidências encontradas
Normativa	<i>Diante disso, nós tomamos algumas medidas. Todas as nossas casas de bombas estão funcionando e irão funcionar. Nós colocamos geradores em todas elas, para que, mesmo faltando energia, elas continuem funcionando.</i> <i>Nós temos equipes de plantão 24 horas por dia, acompanhando, auxiliando. Portanto, todas as equipes da prefeitura estão trabalhando sem parar. Exatamente para atender a nossa população</i> <i>Temos também equipes em várias áreas, em todos os quadrantes da cidade para ajudar as pessoas e também realizar operações de limpeza.</i> <i>Estabelecemos também um decreto de emergência exatamente para que a gente possa adotar as medidas de proteção e de mobilização para atender a nossa comunidade.</i> <i>Nós estamos monitorando 24 horas por dia as águas que chegam, chegam no Rio de Sinos do Gravataí, no Delta do Jacuí, por exemplo.</i> <i>[...] e qualquer situação em que essa margem diminua, nós vamos informar a população.</i> <i>Nós temos que ter firmeza e junto com a Brigada Militar, junto com os bombeiros, junto com a força aérea brasileira, junto com o governo estadual, com o governo federal, todos juntos [...]</i>	Brechas no cumprimento normativo, pois, ainda que sejam mencionadas ações institucionais que indicam o cumprimento parcial das atribuições previstas, com o destaque dado pelo prefeito ao monitoramento do risco, não se recomenda a evacuação que era necessária e prevista pela Política Nacional de Proteção e Defesa Civil. A menção ao monitoramento contínuo também não é acompanhada de instruções claras e efetivas, bem como a comunicação reforça uma imagem de atuação institucional.
Informativa	<i>De sábado até agora já foram 402,9 mm de chuva. É uma chuva histórica. É um momento grave não só aqui em Canoas, mas na região metropolitana, no Rio Grande do Sul.</i> <i>[...] do dia primeiro de maio até a madrugada desta quinta-feira, foram 116</i>	O prefeito é colocado como a fonte da informação sem intermediação de profissionais técnicos, e não apresenta dados hidrológicos que possam antecipar e informar sobre o risco. A função informativa, portanto, é limitada e incompleta, o que compromete a capacidade de antecipação e tomada de

	<i>mm de chuva nessas 30 horas, que é mais do que a média histórica dos 31 dias de maio.</i>	decisão por parte da população.
Explicativa	<i>Muitas vezes a boca de lobo é obstruída pelo lixo e isso acaba gerando um alagamento naquela região.</i> <i>Ou seja, em 30 horas choveu mais do que o mês inteiro [...].</i> <i>Aqui nós estamos no bairro Matias Velho, ao lado aqui da casa de bombas número 6. Ao fundo nós temos [...] águas que vêm do Rio dos Sinos. Essas águas nós temos agora uma margem de segurança. Esse local que eu estou é o Dique de proteção [...] ele foi erguido lá no final da década de 60, lá em 1968. Esse dique foi construído e ele tem protegido a cidade com muita eficácia. É uma estrutura robusta. É importante dizer que nós temos hoje 8 casas de bombas que estão combinadas com esses diques. Esses diques protegem a cidade, portanto nós temos aqui uma boa margem de segurança [...].</i> <i>Desde metade do ano passado para cá, este é o quarto evento de chuvas intensas e sem dúvida exige esta ação e esta energia e esta união de forças da nossa comunidade.</i>	A fala do prefeito não aborda o impacto possível do evento à população. Embora o discurso inclua elementos explicativos pontuais, como a função do dique e a relação entre lixo e alagamento, não há um esforço real de contextualizar o impacto humano e social do evento. As falas se concentram em infraestruturas e na excepcionalidade das chuvas, mas não dimensionam o risco às vidas, ao patrimônio e à integridade das comunidades vulneráveis. As explicações são rasas e insuficientes para que a população compreenda a gravidade da situação.
Preventiva	<i>Nós temos equipes de plantão 24 horas por dia, acompanhando, auxiliando.</i> <i>E a prefeitura, ela está atenta. Qualquer situação os canais oficiais da prefeitura vão informar com o tempo necessário para que as pessoas tomem as suas medidas e, principalmente garantam a vida e a segurança da nossa população.</i> <i>Nós também suspendemos as aulas [...] estamos também ampliando um centro de acolhimento. [...] Para que na eventualidade de pessoas tenham que sair das suas casas, nós temos um local adequado[...] que tenha segurança para a população e o conforto necessário.</i>	Há falta de sensibilização das comunidades vulneráveis sobre o risco e de orientações de proteção. Apesar de algumas ações serem citadas como preventivas, como a suspensão das aulas e a preparação de abrigos, não há comunicação clara de medidas preventivas voltadas à evacuação ou salvamento nas regiões de maior risco (ex: rotas de fuga, protocolos de evacuação, instruções de autoproteção). Também não há esforço de sensibilização das comunidades vulneráveis, tampouco uso de linguagem acessível que promova mobilização preventiva. O discurso é centralizado e pouco dialógico, o que limita o alcance da função preventiva.
Desinformativa	<i>É importante dizer isso porque muitas vezes as pessoas ficam em pânico. Há muita fake news. É importante a gente entender que essa não é uma hora de pânico. Essa é uma hora de informação, essa é uma hora de</i>	Embora o prefeito critique a circulação de fake news, ele acaba por subestimar as previsões e, em última instância, contribuir para a desinformação, ao minimizar os riscos reais e ao não apresentar informações técnicas relevantes ou planos

	<i>ação, essa é uma hora de solidariedade.</i> <i>Então é preciso ter serenidade. Eu te peço.</i> <i>Não permita a propagação de fake news.</i> <i>Não permita que esse tipo de mentira, ela possa levar intranquilidade, insegurança e medo para a população.</i>	de evacuação. Ao focar em manter a ordem e a calma, sem promover acesso transparente à informação de risco, a fala falha na função educativa e pode alimentar dúvidas e boatos, além de contribuir para um posicionamento omissivo pelas autoridades e passivo pela população. Ainda, ao pontuar que os canais da prefeitura “informariam” sobre a necessidade de evacuação - aliado ao fato de não o fazer - colocou em risco os moradores e deixou de assumir a responsabilidade perante a informação e o diálogo com essa população.
--	--	--

Fonte: elaborado pelas autoras.

A análise do vídeo evidencia falhas relevantes nas funções Normativa, Informativa, Explicativa e Preventiva da comunicação pública, revelando omissões que comprometeram a capacidade de resposta da população. Além disso, ao minimizar os riscos e não fornecer dados técnicos claros, o discurso do prefeito contribuiu para a desinformação por omissão, agravando a vulnerabilidade dos moradores em um contexto de crise. Essas evidências são reforçadas quando observamos a recepção do conteúdo a partir dos comentários recebidos pela publicação. Foram coletados, por meio da plataforma ExportComments⁹, 89 comentários, entre os quais predominam, em ordem decrescente, confiança na gestão pública, dúvidas e necessidade de orientação, críticas à gestão da crise e contraposição às informações do vídeo. Há mensagens que demonstram apoio à administração pública e, particularmente ao prefeito, como em: *“Obrigada prefeitura de Canoas!! Essa bela atitude de vcs, nos deixam mais tranquilos... [...]”*; *“Obrigado prefeito @jairo_jorge por monitorar essa grande enchente que se avizinha em nossa Canoas!”*; *“A defesa civil está monitorando tudo e pela Rio Branco o duque é mais baixo seremos avisados quando estiver rompendo ou alguém vai avisar horas antes se isso vir acontecer”*. Há, também, mensagens que alertam para a desinformação e destacam os canais oficiais como a melhor fonte de informação durante a crise. No entanto, à luz dos desdobramentos posteriores – com a inundação efetiva dos bairros horas após a publicação do vídeo e a insuficiência do dique para conter as águas -, esses comentários revelam-se especialmente sensíveis, pois reforçam uma percepção de segurança baseada em informações que se mostraram imprecisas. Ao minimizar os riscos, o prefeito contribui para uma crise de

⁹ Plataforma on-line que permite a extração automática de comentários em mídias sociais. Disponível em: <https://exportcomments.com>. Acesso em 18 jun. 2025.

confiança na comunicação institucional, demonstrando que a desinformação não se limita à fabricação de boatos, mas pode emergir também da omissão ou da falta de transparência no discurso oficial.

Os comentários também revelam inúmeras dúvidas por parte da população de Canoas, especialmente em relação à situação específica de cada bairro, e demandam dados sobre a situação, como em: *“Prefeito, precisamos saber se a vazão desses rios e barragens irão atingir Canoas”*; *“@prefcanoas qual é a cota de inundação desse dique da Mathias Velho? E em que cota de está a última leitura do rio? Em que velocidade ela está elevando? Por favor, mais dados técnicos são importantes nesse momento e estão sendo disponibilizados por outros municípios”*. Esse movimento indica que a comunicação pública falhou em suas dimensões informativa e explicativa, uma vez que não forneceu dados concretos nem contextualizou o risco de forma localizada. Enquanto o discurso institucional enfatiza a contenção do risco por meio da estrutura do dique, os moradores demonstram preocupação com a vulnerabilidade de regiões específicas e buscam ativamente informações técnicas, como cotas de inundação e vazão dos rios. Esse tipo de demanda mostra que os cidadãos, com base em suas vivências e no histórico de cada bairro, reconhecem padrões próprios de risco e desejam orientações que dialoguem com suas realidades. A ausência de respostas claras a essas perguntas aprofunda a sensação de insegurança e reforça a percepção de que a comunicação pública não foi capaz de cumprir seu papel educativo, protetivo e mobilizador no contexto da emergência.

Por fim, destaca-se um conjunto de comentários que se colocam em contraposição às afirmações do prefeito, apresentando outras leituras da situação de risco. Uma mensagem parece antever o que estava para acontecer: *“O problema é a quantidade de água que está descendo dos rios e barragens! Assim como agora se tem margem de segurança, daqui algumas horas pode não ter. Estamos vendo como está no interior do estado [...] não adianta tentar combater o pânico agora para depois ter que correr atrás do prejuízo e do terror se algo maior acontecer. Prevenção é tudo que temos”*. Ou seja, ela apela por transparência e por uma comunicação mais responsável. Tais comentários revelam que parte da população já percebia o agravamento da situação e buscava alertar para a urgência da resposta institucional.

Considerações Finais

O vídeo publicado no perfil de Instagram da Prefeitura de Canoas e os comentários reforçam a análise de que a comunicação oficial, ao minimizar os riscos e não fornecer informações claras e localizadas, produziu uma falsa sensação de normalidade e segurança. O

resultado foi a diminuição da percepção de risco por parte da população, o que comprometeu sua capacidade de se preparar adequadamente diante de um evento iminente. Essa negligência no discurso institucional compromete tanto a dimensão informativa, quanto enfraquece a confiança na comunicação pública como instrumento de proteção e mobilização coletiva.

Desta forma, verifica-se que é preciso ampliar a compreensão da comunicação como um processo dialógico por parte do poder público local nos alertas, visando a promoção do viés preventivo. Observa-se, ainda, a oportunidade de novos estudos a evidenciar abordagens para comunicação pública na gestão de riscos e desastres.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). **Estudo aponta que enchentes de 2024 foram maior desastre natural da história do RS e sugere caminhos para futuro com eventos extremos mais frequentes**. Disponível em: <https://www.gov.br/ana/pt-br/assuntos/noticias-e-eventos/noticias/estudo-aponta-que-enchentes-de-2024-foram-maior-desastre-natural-da-historia-do-rs-e-sugere-caminhos-para-futuro-com-eventos-extremos-mais-frequentes#:~:text=Analisando%20as%20enchentes%20hist%C3%B3ricas%20de,territorial%20jamais%20observadas%20no%20Brasil>. Acesso em 18 jun. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto. 1. ed. 3ª reimpressão. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Zygmunt; BORDONI, Carlo. **Estado de crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BOHOLM, Å; Corvellec, H. A relational theory of risk. *Journal of Risk Research*. 14. 175-190, 2011.

BRASIL. **Lei nº 12.608, de 10 de abril de 2012**. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12608.htm.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma outra modernidade**. Trad. Sebastião Nascimento. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BECK, U. **A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

COOMBS, W. T.; HOLLADAY, S. J. **The Handbook of Crisis Communication**. 2 ED. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2022.

DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. **Risco e Cultura: Um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais**. Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

GUESS, A. M.; LYONS, B. A. Misinformation, Disinformation, and Online Propaganda. In: PERSILY, N.; TUCKER, J. (Eds.). **Social Media and Democracy: The State of the Field, Prospects for Reform** (SSRC) *Anxieties of Democracy*, p. 10-33). Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

HABERMAS, Jürgen. **Uma nova mudança estrutural da esfera pública e a política deliberativa**. Traduzido por Denilson Lus Werle. Apresentação à edição brasileira por Denilson Luís Werle e Rúrion Melo - São Paulo: Editora Unesp, 2023.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

KOÇOUSKI, Marina. **Comunicação Pública**: construindo um conceito. In: MATOS, Heloiza. **Comunicação Pública**: Interlocuções, interlocutores e perspectivas. São Paulo: ECA/USP, 2013.

QUINTEROS, Cora Catalina. **A comunicação pública do clima e risco de desastres**: imbricações comunicacionais sobre as políticas públicas em Curitiba. 250 p. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo. São Paulo, 2023.

KLINGA, Maja; LUNDGREN, Minna. Making Sense of Disinformation in the Swedish Heterogenous Society: Understandings, Experiences, and Vulnerabilities. In: **Journal of International Crisis and Risk Communication Research**, v., n. 1, 2024, pp. 140–163. <https://doi.org/10.70135/jicrcr.v7i1.177>

OLIVEIRA, R. F. Comunicação dialógica estratégica para a prevenção e gestão de crise no contexto das organizações. In: **Revista Cadernos de Comunicação**, v. 24, n. 3, Santa Maria, RS, 2020.

POSSANTTI, I.; MÜLLER, J.; RUHOFF, A. (Eds.). **Cheias no Rio Grande do Sul** - Base de dados e informações geográficas na Região Hidrográfica do Lago Guaíba e na Lagoa dos Patos em 2024. UFRGS, 2024.

PREFEITURA DE CANOAS. [Sem título]. **Instagram**, [vídeo], 2 maio 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C6e5suWrbI9/?igsh=bmhtajNhcjhjaXVt>. Acesso em: 18 jun. 2025.

SERRA, Paulo. **Os riscos da comunicação na comunicação dos riscos**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. 2007. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/serra-paulo-riscos-da-comunicacao.pdf>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 15-38, 2008.

WEBER, Maria Helena; LOCATELLI, Carlos. Realidade e Limites da Pesquisa Empírica em Comunicação Pública. In: **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 141-159, jan./abr. 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p141-159>. Acesso em: 26 abr. 2024.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Strasbourg Cedex, France: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.